

DA UNIVERSIDADE À
COMMODITYCIDADE

OU

DE COMO E QUANDO, SE A
EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO É
SACRIFICADA NO ALTAR DO
MERCADO, O FUTURO DA
UNIVERSIDADE SE SITUARIA EM
ALGUM LUGAR DO PASSADO

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp

Profa. Dra. Maria Eugénia Montes Castanho – PUC / Campinas

Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Profa. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Profa. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Profa. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Profa. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Lucídio Bianchetti
Valdemar Sguissardi

DA UNIVERSIDADE À
COMMODITYCIDADE

OU

DE COMO E QUANDO, SE A
EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO É
SACRIFICADA NO ALTAR DO
MERCADO, O FUTURO DA
UNIVERSIDADE SE SITUARIA EM
ALGUM LUGAR DO PASSADO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bianchetti, Lucídio

Da universidade à commoditycidade : ou de como e quando, se a educação/formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado / Lucídio Bianchetti, Valdemar Sguissardi. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017.

Bibliografia

ISBN: 978-85-7591-495-3

1. Educação 2. Ensino superior – Brasil 3. Política educacional – Brasil 4. Reforma do ensino – Brasil 5. Universidades e escolas superiores – Brasil I. Sguissardi, Valdemar. II. Título.

17-07462

CDD-378.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Universidades : Ensino superior 378.81

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

SETEMBRO/2017

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
<i>Almerindo Janela Afonso</i>	
INTRODUÇÃO.....	13
capítulo I	
UNIVERSIDADE, TUTELAS E POLÍTICAS EDUCACIONAIS: DA INSTITUIÇÃO MEDIEVAL À MODERNA. ALGUNS ANTECEDENTES DA SITUAÇÃO ATUAL.....	17
capítulo II	
BRASIL: DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR TUTELADAS – PASSANDO POR EXPERIÊNCIAS FUNDANTES – À REGULAÇÃO.....	33
capítulo III	
... À <i>COMMODITYCIDADE</i>	75
CONCLUSÃO.....	107
REFERÊNCIAS.....	111
SOBRE OS AUTORES.....	124

Prefácio

DA UNIVERSIDADE À COMMODITYCIDADE: MUDANÇA OU METAMORFOSE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR?

Com uma estrutura bem sequenciada, vai sendo construída, desde as páginas iniciais do livro, uma argumentação muito consistente, quer do ponto de vista dos dados empíricos que sustentam a análise, quer no que diz respeito às perspectivas teórico-conceptuais (e políticas) que são convocadas. Começando por fazer uma leitura crítica e factual, muito útil e oportuna, sobre a génese e evolução das instituições superiores no Brasil – cujos elementos constituem um *background* indispensável, e que permitirá ao leitor uma compreensão rigorosa dos retrocessos que atravessam as universidades no momento atual –, os autores vão disponibilizando dados, cada vez mais recentes, que ilustram os desafios e dilemas que a educação superior tem pela frente, numa conjuntura marcada

por uma profunda rutura com o *ethos* da universidade como *instituição* moderna (assente não apenas na pesquisa científica e na docência, mas também numa ampla visão ética, educativa e cultural), para a seguir caracterizarem o que chamarei de *dark side* emergente na universidade, induzido agora em função dos interesses espúrios do capitalismo, crescentemente internacionalizado, que estão a transformar muito rapidamente a universidade numa *organização* subordinada às lógicas mercantis e à financeirização da educação. A este propósito, foi sem dúvida premonitória a forma lúcida e problematizadora como Marilena Chauí, há quase década e meia, descreveu a clivagem emergente entre a universidade como instituição e a universidade como organização, como lembram os autores.

Nesse intervalo de tempo, todavia, a história da educação superior brasileira continuou a construir-se confrontando pressões sociais, políticas, económicas e educacionais ambíguas e contraditórias: mais neoliberais, nuns casos, mais neodesenvolvimentistas, outros; e, recentemente, mais típicas de um populismo autoritário. Sobretudo no último governo Fernando Henrique Cardoso e segundo governo Lula da Silva (p. 55), as ambiguidades e contradições políticas permitiram ainda a relativa criação de universidades e *campi* públicos. Mas os ímpetus mais nefastos da globalização financeira não foram obstaculizados, antes pelo contrário. É isso, aliás, que agora se exprime de uma forma cada vez menos ambígua dado tratar-se de uma “tendência que já se revela hegemônica” (p. 66).

Hoje, a radicalização da mercadorização na educação superior é já evidente na fusão de empresas educacionais (nacionais e internacionais), gerando monopólios e oligopólios com ações cotadas na bolsa

de valores. Deste modo, “esta decisão, comum nas estratégias das empresas comerciais, ao ser aplicada à compra e venda de um produto chamado ‘educação/ ensino’, transforma esse ‘produto’ em mercadoria/ *commodity*, levando ao paroxismo a expressão ‘mercantilização da educação’” (p. 66).

Ao analisarem a fase atual de evolução das políticas de ensino superior no Brasil, a perspectiva de Lucídio Bianchetti e de Valdemar Sguissardi vem de encontro ao que eu próprio, há alguns anos, ainda de forma exploratória, designei como sendo a terceira fase na mudança ou reconfiguração do Estado-avaliador – a fase pós-Estado-avaliador – que poderia “vir a inscrever-se, com crescente evidência, na continuidade da expansão global capitalista das políticas de privatização e mercadorização da educação (e da avaliação)” (Afonso 2013, p. 267¹).

Porque me distancio de qualquer perspectiva evolucionista, funcionalista ou neomodernizadora, chamo a atenção para o facto de estas três etapas do Estado-avaliador (fase predominantemente nacional; fase de presença e interferência crescente das organizações internacionais ou supranacionais; e fase pós-Estado-Avaliador) não manterem entre si qualquer sequencialidade linear, antes constituindo um primeiro *draft* tipológico para identificar mudanças que podem ou não coexistir, de forma contraditória ou complementar, em graus diversos, e no mesmo ou em diferentes momentos históricos. Como escrevi no mesmo artigo que aqui convoco, o que designo como

1. “Mudanças no Estado-avaliador: Comparativismo internacional e teoria da modernização revisitada.” *Revista Brasileira de Educação*, 18(53).

sendo a fase pós-Estado-avaliador traduz a “exacerbação de processos de transnacionalização da educação e o aumento da mercadorização e mercantilização no âmbito do ensino superior”, induzida ou ampliada pelos acordos da Organização Mundial do Comércio (OMC) e de outras organizações similares. Nela se inscreve igualmente “o novo ímpeto do Banco Mundial na promoção das políticas de privatização da educação, e a expansão da oferta educativa (superior e não superior) em regime de *franchising*, bem como uma maior tendência para a modularização e standardização curricular”. Por referência a esta fase, também sugiro que ocorrerá “a ampliação da privatização dos sistemas e agências de avaliação e sua conexão internacional...” (Afonso 2013, p. 278).

Muito embora este livro não tenha como objeto a avaliação (questão que não pode, todavia, ser pensada de forma descontextualizada), ele vem demonstrar de uma forma muito contundente que a fase que designei de pós-Estado-avaliador tem agora uma tradução ainda mais radicalizada no “novo contexto da *Commodity*” – expressão que inicialmente parece ser apenas um estranho neologismo, mas que no final adquire um expressivo poder heurístico para perceber as mudanças contemporâneas que estão desafiando (de forma não impossível mas muito dificilmente reversível) as universidades e a educação superior.

No seu livro póstumo, *A metamorfose do mundo*, que acaba de ser publicado em Portugal,² Ulrich Beck desestabiliza o velho conceito sociológico de *mudança* mostrando que este não é suficiente para dar conta do que está acontecendo na sociedade e no mundo atuais.

2. Disponível em: <http://www.edicoes70.pt/site/node/683>.

Para o autor “A mudança implica que algumas coisas mudam, mas outras ficam iguais – o capitalismo muda, mas alguns dos seus aspetos continuam a ser como sempre foram. A metamorfose implica uma transformação muito mais radical, na qual as velhas certezas da sociedade moderna desapareceram, e algo de novo emerge” (Beck 2017, pp. 15-16). Significará a *commoditycidade* apenas uma outra fase da *mudança*, ou já será uma *metamorfose* no mundo da educação superior? Fica esta interrogação fundamental, não apenas para todos nós, como também, e desde logo, para os autores do livro. Eles poderão certamente dar o seu contributo para esta reflexão em futuros trabalhos.

Lucídio Bianchetti, académico reconhecido e com uma publicação diversa e significativa no campo da educação, tem vindo a desenvolver pesquisas e a estabelecer interlocuções muito produtivas, entre as quais se inclui o aprofundamento de problemáticas avançadas, direta ou indiretamente referenciáveis à universidade e à educação superior. Valdemar Sguisardi é, comprovadamente, um dos nomes de referência nos estudos das políticas de educação superior. Com uma obra incontornável, fruto de formação sólida, humanista e erudita, construiu um percurso académico sistemático e empenhado, de pesquisa empírica e reflexão crítica, nas problemáticas da universidade.

Sem qualquer perda de rigor ou profundidade, o livro *Da Universidade à Commoditycidade* está escrito de uma forma clara e de fácil leitura, o que nem sempre é frequente em trabalhos académicos, trazendo-nos uma perspetiva ampla, diacrónica, atual e prospetiva sobre as questões da universidade, em particular, e da educação superior, em geral. Como leitor (cidadão e docente universitário) fui particularmente sensível

a esta dimensão de esclarecimento e sólido conhecimento sobre os profundos dilemas e desafios com os quais se confronta hoje o nosso campo de investigação, reflexão e prática profissional, deixando-me interrogar constantemente pela postura sustentada, crítica e prospetiva dos autores, que, estou certo, extravasará muito os pretendidos “limites de um texto para debate” (p. 8).

Braga, início da primavera de 2017.

Almerindo Janela Afonso
Diretor do Departamento de
Ciências Sociais da Educação
Universidade do Minho, Portugal
Presidente da Sociedade
Portuguesa de Ciências da Educação

INTRODUÇÃO

A partir de uma tênue linha de tempo e nos limites de um texto para debate, situa-se aqui o histórico da universidade, da medieval à atual. Destacam-se aspectos relacionados ao quanto e ao como esta veio sendo tutelada, desrespeitada em sua proclamada autonomia, até chegar ao extremo de sua completa regulação heterônoma. Para resumir, dir-se-ia que esse *locus* espaço-temporal chamado universidade caracteriza-se como um espaço-tempo colonizado. Após passar, em rápidas pinceladas pela questão dos modelos clássicos de universidade, visualiza-se como as instituições de educação superior se inserem no Brasil imperial e republicano. Em seguida destacam-se as três experiências de universidade – a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade do Distrito Federal (UDF) e a Universidade de Brasília (UnB) –, todas públicas, embora de instâncias administrativas diferentes, que, a seu tempo, representaram o melhor com que o Brasil pôde contar como instituições universitárias, independentemente de terem sido suprimidas ou desviadas do seu desiderato fundacional. Daí se passa para uma breve focalização do Parecer 977/65,

do Conselho Federal de Educação (CFE), instrumento regulador da pós-graduação (PG) *stricto sensu* brasileira que oficializa o que se previa desde a criação da CAPES em 1951, isto é, que a PG seria o modo de renovar, reconstruir, qualificar e transformar a instituição universitária. A partir de então verifica-se que, por iniciativas ou inércia, a educação superior pública estagna ou até reflui quanto ao que se concebe como educação pública, gratuita, laica e universal, ao tempo em que as instituições privadas de educação superior – em especial as particulares ou mercantis – vão tornar-se protagonistas de uma expansão quantitativa de instituições e matrículas sem precedentes, e de uma transformação essencial na definição e funcionamento da universidade/educação superior que aqui, neste estudo, será denominado por *commoditycidade*.³

Inicialmente, pensou-se no neologismo *privaticidade* para designar a escalada privatizante na educação superior/universidade. Visava-se conotar sua identidade *customizada*. Entretanto, após melhor ponderação, viu-se que, neste campo, ocorre algo que vai muito além da mera privatização. A categoria *privado* não esgotaria o teor do que perpassa a educação superior em âmbito mundial e, em especial, no Brasil, hoje. Esta vive um efetivo processo de mercadorização/mercantilização sem precedentes. Assim, optou-se pelo termo *commoditycidade*, dado que tudo na educação superior/universidade, incluindo as próprias instituições, é transformado em mercadoria/*commodity* submetida ao crivo do mercado, em que a Bolsa de

3. Sobre o uso deste neologismo, veja-se sua justificativa adiante, nesta Introdução.

Valores constitui-se no “altar” onde essa metamorfose chega ao paroxismo.

Este neologismo *commoditycidade* será utilizado, neste escrito, *cum grano salis*, dado que derivado de *commodity* que, por sua vez, em termos estritamente econômicos, significa qualquer mercadoria em estado bruto ou produto primário, de origem agropecuária, vegetal ou mineral – como soja, trigo, café, açúcar, cada tipo de minério, etc – produzido em larga escala, com características físicas homogêneas e cujos preços submetem-se à oferta e procura, isto é, às oscilações do mercado internacional.⁴

Embora o saber – produzido no âmbito da pesquisa, disseminado ou transmitido/apreendido no ensino universitário/educação superior, em especial na pós-graduação – não possa ser visto como uma simples matéria-prima e, sim, como um “produto” de baixo, médio ou alto valor agregado, traduzi-lo pelo termo *commodity* e à educação superior/universidade por seu derivado *commoditycidade* é o modo de enfatizar o fenômeno novo que estaria impondo a essas instituições o fim ou ocaso de um determinado “modelo” de educação superior/universidade que se idealizou desde meados do Século XIX, com os chamados “modelos clássicos”, e que, no Brasil, puderam ser projetados e implantados, ainda que precariamente, nas experiências pioneiras da Universidade de São Paulo (1934), da Universidade do Distrito Federal (1935) e da Universidade de Brasília (1962), como se verá adiante.

4. No entanto, não explicitamente tratada como *commodity*, mas como *edu-business*, mantém-se o neologismo a partir, entre outras, da leitura da obra *Educação Global S. A.*, de Stephen Ball (2014), em especial o capítulo 6 que trata da “Educação como um grande negócio”.

E tudo isto sob suposta regulação, direta ou indiretamente, conduzida por instâncias do Estado. É tendo presente o histórico de iniciativas e decisões que vieram sendo tomadas ao longo das últimas décadas que se conclui que, a continuarem o processo e ritmo atuais, o futuro da educação, em especial a de nível superior, sacrificada no altar do mercado, estaria em algum lugar do passado. Adicionalmente, é possível questionar: a permanecer este quadro de escalada *commodityzante*, o que restará de *superior* na educação superior brasileira? O que restará de *educação* na educação? Enfim, qual será o poder de barganha, com seus padrões, dos trabalhadores munidos de uma formação, no mínimo, duvidosa, em mercado de trabalho mutante e cada vez mais exigente?